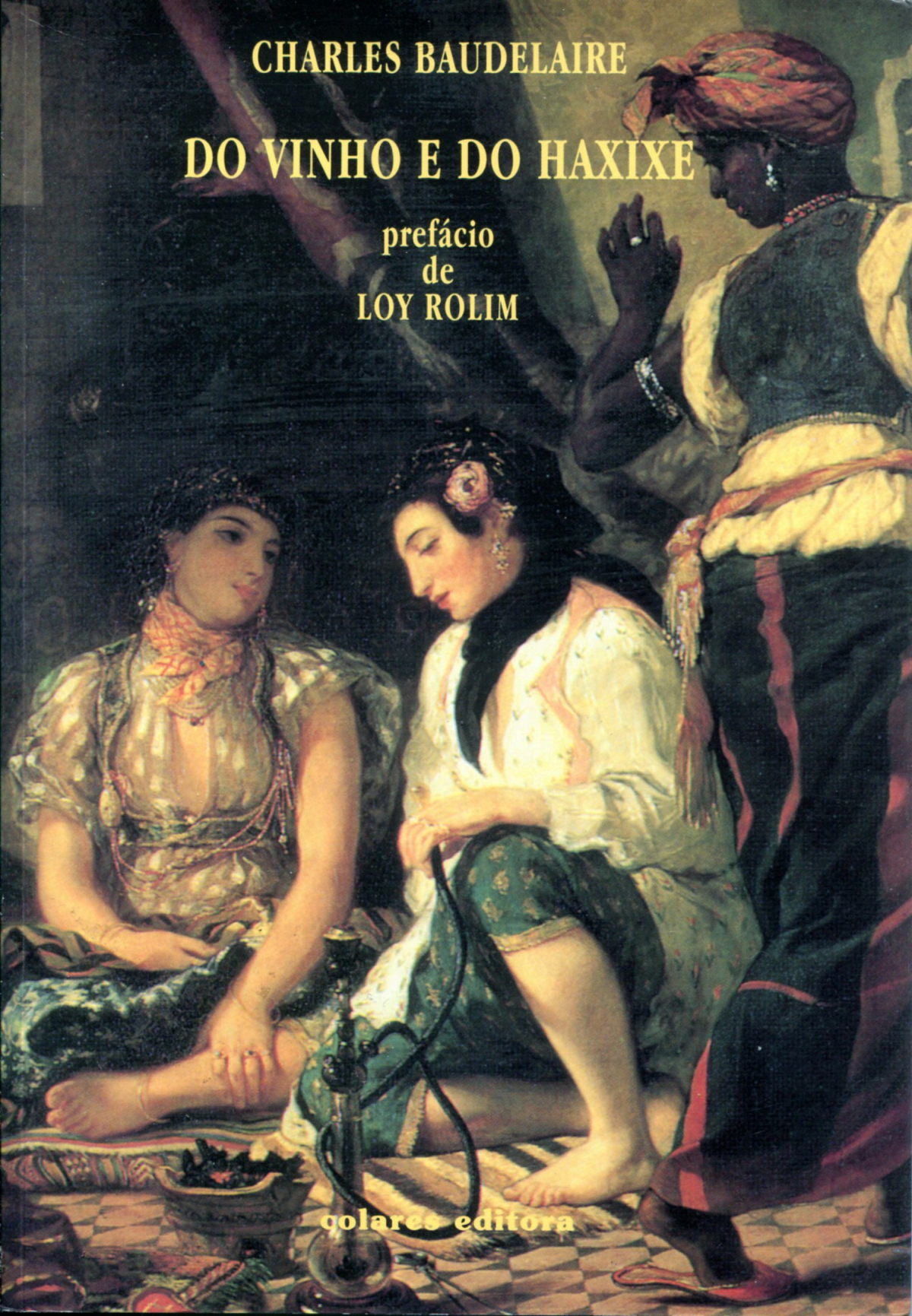


CHARLES BAUDELAIRE

DO VINHO E DO HAXIXE

prefácio
de
LOY ROLIM



colares editora

Titulo: Do Vinho e do Haxixe
Comparados como meios
de multiplicação da individualidade

Autor: Charles Baudelaire

Prefácio: Loy Rolim

Tradução: Magda Bigotte de Figueiredo

Capa: Femmes d'Alger (pormenor) de Delacroix

Arranjo Gráfico: Sarah Goes

Fotocomposição: Colares Artes Gráficas

Impressão: Tipografia Lousanense, Lda

Depósito Legal: 177853/02

ISBN 972-782-045-X

© **colares editora**

apartado 32

2710 Sintra/Portugal

tel.: 21 923 25 98/924 38 35

fax: 21 924 38 35

e-mail: colareseditora@colareseditora.com

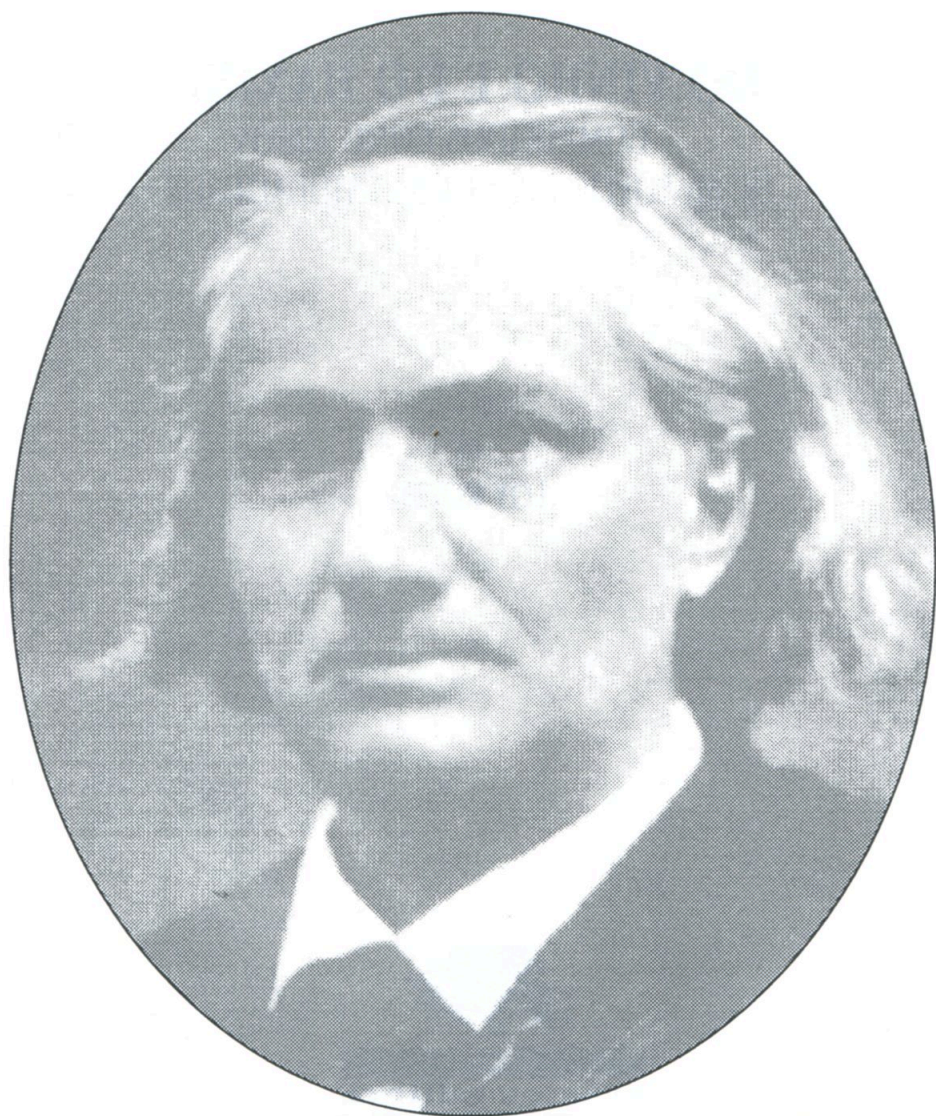
DO VINHO E DO HAXIXE
COMPARADOS COMO MEIOS
DE MULTIPLICAÇÃO DA INDIVIDUALIDADE

CHARLES BAUDELAIRE

DO VINHO E DO HAXIXE
COMPARADOS COMO MEIOS
DE MULTIPLICAÇÃO DA INDIVIDUALIDADE

PREFÁCIO
DE
LOY ROLIM





PREFÁCIO

Há em Baudelaire uma procura deliberada do infinito, uma insistente descoberta dos limites do indivíduo e a tentativa experimentada de ultrapassar as fronteiras da mente e dos sentidos, uma vontade insofismável de metafísica que o transporta à criatividade poética.

Baudelaire identifica os efeitos estimulantes do álcool: *Abro a Kreisleriana do divino Hoffmann, e leio uma curiosa recomendação. O músico consciencioso deve servir-se do champanhe para compôr uma ópera-cômica. Nele encontrará a alegria espumosa e ligeira que o género reclama. A música religiosa pede um vinho do Reno ou do Jurançon. Tal como no fundo das ideias profundas, há aqui uma amargura embriagada: mas a música heróica não pode prescindir do vinho de Borgonha. Este tem o arrebatamento sério e a atracção do patriotismo. (...), mas o poeta é sensível aos efeitos contraditórios: O vinho é semelhante ao homem: nunca se sabe a que ponto se pode estimá-lo ou desprezá-lo, amá-lo ou odiá-lo, nem de quantas acções sublimes ou de proezas monstruosas ele é capaz.*

Antecipando-se a preconceitos morais afirma ainda: *Muitas pessoas considerar-me-ão sem dúvida muito indolente. "está a inocentar a bebedeira, a idealizar a canalha". Confesso que perante os benefícios não tenho coragem de contar os malefícios (...) Um homem que só bebe água tem um segredo a esconder dos seus semelhantes (...)*

A imperiosa necessidade do artista ultrapassar as marcas da realidade são sublinhadas por Baudelaire em *Le Spleen de Paris*: *É preciso que vos embriagueis sem tréguas. Mas de quê? De vinho, de poesia, ou de virtude, à vossa vontade.*

Flaubert está longe de partilhar este ponto de vista e da sua casa em Croisset escreve a Georges Sand: *Que a clausura a que me condenei seja um estado de delícias, não! Mas que fazer? Embriagar-me com a tinta vale mais do que embriagar-me com aguardente.*

Rimbaud que a convite de Verlaine se desloca a Paris em 1871 é confrontado com a famosa bebida da época - absinto -, e escreveu ao seu amigo Ernest Delahaye, em Charleville, informando-o da moda da verdosa aguardente que considerava *o mais delicado e estremecedor dos hábitos.*

Do Vinho e do Haxixe é considerado um texto profético dos ambientes que 60 anos mais tarde, se confirmariam nos clubes de jazz de Nova-Orleães, onde o álcool e a improvisação dos músicos acorrentam um público sedento de emoções fortes.

A *beat-generation*, liderada por Jack Kerouac apurou um método de criatividade ainda mais espontâneo e imediato, menos condicionado pelo tempo e pela velocidade, a utilização da gravação em fita magnética. O álcool era o activador por excelência de um cérebro em ebulição criativa, Kerouac incitava a embriaguês caseira, de forma a permitir ao escritor sentar-se à secretária e tirar partido do seu estado.

Artistas e escritores continuam a recorrer ao álcool no seu processo criativo. Francis Bacon, que habitualmente pintava nas manhãs de ressaca, produziu a sua obra *Crucificação*, durante um período de cerca de quinze ressacas sucessivas. Marguerite Duras, que teve a coragem de assumir o seu alcoolismo, classificava os seus livros em duas categorias: os que foram escritos sem álcool e os que foram escritos com álcool. *La Malade de la Mort* foi escrita com uma dose diária de 6 litros de vinho. Esta autora chegou a afirmar: *Resta-me esta nostalgia de certos momentos. Acordar de noite e beber. Estar só acordada na cidade. Razão para morrer verdadeiramente.*

Do Vinho e do Haxixe é uma reflexão comprometida de um *dandy*, em que o álcool e os alucinogénios fizeram parte da sua vivência e da sua escrita. É uma abordagem sobre o desdobramento do "eu", é uma vertigem entre o autor e actor da sua própria existência. É uma viagem entre o ser e o sentir. É o risco da perda. Perda de autonomia pensante e da vontade.

Vários são os autores que deram corpo a personagens que o álcool conduz a um processo de autodestruição - Coupeau na obra *L'Assommoir* de Émile Zola; o Cônsul de Malcolm Lowry em *Debaixo do Vulcão*, *Os Felizes e os Danados* de Scott Fitzgerald. Toda a obra de Georges Bataille é atravessada pela presença da embriaguês, que também deixou marcas nas escritas dos autores como Quincey, Steinbeck, James Joyce, etc.

Baudelaire escreveu várias versões de *L'Ivrogne*, peça onde está tão bem latente a sua complexa relação com as mulheres. O operário bêbado, num domingo à noite, tenta violar a sua própria mulher à beira de uma estrada. Empurra-a, e ela cai num poço. O autor retocou várias vezes este texto inacabado onde é notória a carga simbólica - sadismo, misogenia e crime premeditado, construído de uma forma extremamente perversa. O álcool funciona aqui como elemento desculpabilizador.

Segundo Théophile Gautier no prefácio da obra *Les Fleurs du Mal*, foi em meados de 1849, que encontrou pela primeira vez Charles Baudelaire no famoso Hotel Pimodan, lugar paradigmático onde os artistas e críticos da época ousavam a viagem mágica que lhes proporcionava a experiência do álcool, do haxixe e do ópio. E embora o poeta afirmasse nos seus escritos íntimos: *eu não acreditarei nunca que a alma*

dos Deuses habite nas plantas..., a sua poesia dá-nos testemunho dos poderes exaltados das drogas que o próprio reconhece ao reescrever na correspondência dirigida a Wagner: *Geralmente estas profundas harmonias parecem-me próximas destes excitantes que aceleram o pulso da imaginação.*

Observador exímio do comportamento humano, Baudelaire é sensível à sociabilidade do álcool e ao risco de isolamento provocado por outro tipo de drogas. *O gosto frenético do homem por todas as substâncias, saudáveis ou perigosas, que exaltem a personalidade, prova a sua grandeza. Ele aspira sempre a aquecer as suas esperanças e a elevar-se até ao infinito (...) O vinho exalta a vontade, o haxixe aniquila-a. O vinho é suporte físico, o haxixe é uma arma para o suicídio. O vinho torna a pessoa boa e sociável. O haxixe isola-a.*

No âmbito da criatividade o recurso a estimulantes prossegue e a improvisação na escrita já manifesta no romantismo culmina com os surrealistas ao praticarem a chamada “escrita automática”, que consistia em transferir para o papel sem qualquer mediação as imagens, as ideias, as palavras ... de uma forma espontânea e torrencial. Esta forma de abordagem democratiza revolucionariamente a escrita. Deste tipo de experiências resulta o primeiro livro de André Breton e Philippe Soupault - *Champs Magnétiques*.

Mais recentemente - a partir de 1962 - a moda das drogas popularizou-se: a música, os concertos, o rock, os *happenings* proporcionam o consumo, e o sistema recupera estes fenómenos capitalizando no fabrico industrial de produtos culturais à escala planetária. A contra-cultura é recuperada, difundida e massificada. A dimensão experimental elitista do século XIX, desvanece-se.

Loy Rolim



I
O VINHO

Charles F. Sandelov.

Um homem muito célebre, que era ao mesmo tempo muito parvo, coisas que jogam muito bem uma com a outra, ao que parece, como terei mais de uma vez certamente o doloroso prazer de demonstrar, teve a coragem, num livro sobre a Mesa, composto do duplo ponto de vista da higiene e do prazer, de escrever o seguinte no artigo *Vinho*: "O patriarca Noé é tido como o inventor do vinho; é um licor feito com o fruto da vinha."

E depois? Depois, nada: é tudo. Por mais que se folheie o volume, que o viremos de todos os lados, que o leiamos do fim para o princípio, de pernas para o ar, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, não encontramos mais nada sobre o vinho na *Physiologie du Goût* do mui ilustre e mui respeitável Brillat-Savarin: "O patriarca Noé..." e "é um licor...".

Suponho que um habitante da lua ou de qualquer outro planeta longínquo, viajando pelo nosso mundo, e cansado por longas jornadas, pense em refrescar o palato e em aquecer o estômago. Ele faz

questão em estar ao corrente dos prazeres e dos usos da nossa terra. Ouviu vagamente falar em licores deliciosos com os quais os cidadãos desta bola obtinham com facilidade coragem e alegria. Para ter a certeza da escolha, o habitante da lua abre o oráculo do gosto, o célebre e infalível Brillat-Savarin, e encontra, no artigo *Vinho*, esta informação preciosa: O patriarca Noé... e este licor é feito... O que é perfeitamente digestivo. E muito explícito. É impossível, depois de se ter lido esta frase, não ter uma ideia precisa e clara de todos os vinhos, das suas diferentes qualidades, dos seus inconvenientes, do poder por eles exercido sobre o estômago e o cérebro. Ah! caros amigos, não leiam Brillat-Savarin. Deus preserva aqueles que ama de leituras inúteis; é a primeira máxima de um livrinho de Lavater, um filósofo que amou os homens mais do que todos os magistrados do mundo antigo e moderno. Não se deu o nome de Lavater a nenhum bolo; mas a memória deste homem angélico viverá ainda entre os cristãos, quando os bravos burgueses, eles próprios, tiverem esquecido o Brillat-Savarin, espécie de brioche insípido cujo defeito menor é servir de pretexto a um debitar de máximas tolamente pedantes tiradas da famosa obra-prima.

Se uma nova edição desta falsa obra-prima ousar desafiar o bom senso da humanidade moderna, bebedores melancólicos, bebedores alegres, todos vós

que procurais no vinho a recordação ou o esquecimento, e que, nunca o achando suficientemente completo para o vosso gosto, só contemplais o céu através do fundo de uma garrafa, bebedores esquecidos e desconhecidos, sereis vós capazes de comprar um exemplar e pagar o mal com o bem, a indiferença com a boa ventade?

Abro o Kreisleriana do divino Hoffmann, e leio uma curiosa recomendação. O músico consciencioso deve servir-se do champanhe para compor uma ópera-cômica. Nele encontrará a alegria espumosa e ligeira que o género reclama. A música religiosa pede um vinho do Reno ou do Jurançon. Tal como no fundo das ideias profundas, há aqui uma amargura embriagadora; mas a música heróica não pode prescindir do vinho da Burgonha. Este tem o arrebatamento sério e a atracção do patriotismo. Eis uma observação inteligente na qual, para além do sentimento de um bebedor apaixonado, encontro uma imparcialidade que honra ao máximo um Alemão.

Hoffmann tinha concebido um singular barómetro psicológico destinado a representar as diferentes temperaturas e os fenómenos atmosféricos da sua alma. nele encontramos divisões como as que se seguem: "Espírito ligeiramente irónico temperado de indulgência; espírito de solidão com profundo descontentamento de mim próprio; alegria musical, entusiasmo musical, tempestade musical, alegria

sarcástica insurportável a mim próprio, vontade de sair do meu eu, objectividade excessiva, fusão do meu ser com a natureza." Escusado será dizer que as divisões do barómetro moral de Hoffmann estavam fixadas segundo a sua ordem de origem, como nos barómetros comuns. Considero haver entre este barómetro psíquico e a explicação das qualidades musicais dos vinhos uma fraternidade evidente.

Hoffmann, no momento em que a morte veio surpreendê-lo, tinha começado a ganhar dinheiro. A fortuna sorria-lhe. Como o nosso querido e grande Balzac, foi por volta dos últimos tempos apenas que viu brilhar a aurora boreal das suas mais antigas esperanças. Nessa época, os editores, que disputavam os contos dele para os seus almanaques, tinham o hábito, para lhe cair nas boas graças, de juntar ao envio de dinheiro uma caixa de vinhos franceses.



II

Alegrias profundas do vinho, quem não vos conheceu? Todo aquele que teve um remorso a acalmar, uma recordação a evocar, uma dor a afogar, um sonho a efectuar, toda a gente enfim vos invocou, deus misterioso escondido nas fibras da vinha. Como são grandes os espectáculos do vinho, iluminados pelo sol interior! Como é verdadeira e ardente essa segunda juventude que o homem a ele vai beber! Mas como são temíveis igualmente as suas volúpias fulminantes e os seus encantos enervantes. E, no entanto, dissei-me, com toda a consciência, juizes, legisladores, homens de sociedade, vós todos que a felicidade torna amáveis, a quem a fortuna torna a virtude e a saúde fáceis, dissei-me, qual de vós terá a coragem implacável de condenar o homem que bebe do génio?

Aliás, o vinho nem sempre é esse terrível litador seguro da sua vitória e que jurou não ter dó nem piedade. O vinho é semelhante ao homem: nunca se sabe a que ponto se pode estimá-lo e desprezá-lo, amá-lo ou odiá-lo, nem de quantas acções sublimes ou de proezas monstruosas ele é capaz.

Não sejamos pois mais cruéis para com ele do que somos para connosco próprios, e tratemo-lo como nosso igual.

Às vezes, parece-me ouvir dizer ao vinho (ele fala com a alma, com aquela voz dos espíritos que só é ouvida pelos espíritos): - "Homem, meu bem-amado, quero fazer chegar até ti, apesar da minha prisão de vidro e dos meus ferrolhos de cortiça, um cântico cheio de fraternidade, um cântico cheio de alegria, de luz e de esperança. Não sou ingrato: sei que te devo a vida. Sei o que isso te custou de labor e de sol nas costas. Deste-me a vida, vou recompensar-te. Pagar-te-ei largamente a minha dívida, pois sinto uma alegria extraordinária quando vou parar ao fundo de uma garganta alterada pelo trabalho. O peito de um homem honesto é um local que me agrada muito mais do que essas adegas melancólicas e insensíveis. É um túmulo alegre onde cumpro o meu destino com entusiasmo. Faço no estômago do trabalhador um grande reboço, e de lá por escadas invisíveis subo até ao cérebro onde executo a minha dança suprema.

"Ouves agitar-se dentro de mim e ecoar os poderosos refrãos dos tempos antigos, os cânticos do amor e da glória? Eu sou a alma da pátria, sou meio galanteador, meio militar. Sou a esperança dos domingos. O trabalho torna os dias prósperos, o vinho os domingos felizes. Os cotovelos apoiados na mesa familiar e as mangas arregaçadas, glorificar-me-ás orgulhosamente, e ficarás verdadeiramente contente.

"Iluminarei os olhos da tua velha esposa, da velha companheira dos teus desgostos quotidianos e

das tuas mais antigas esperanças. Suavizarei o olhar dela e porei no fundo das suas pupilas o brilho da juventude. E ao teu filho querido, muito pálido, a esse pobre burrinho de carga atrelado ao mesmo cansaço que o cavalo à carroça, restituir-lhe-ei as belas cores do berço, e serei para esse novo atleta da vida o óleo que fortalecia os músculos dos antigos lutadores.

"Cairei no fundo do teu peito como uma ambrósia vegetal. Serei o grão que fertiliza o sulco dolorosamente cavado. A nossa íntima reunião irá criar a poesia. Nós dois constituiremos um Deus, e voaremos até ao infinito, como os pássaros, as borboletas, os filhos da Virgem, os perfumes e todas as coisas aladas.

É isto que canta o vinho na sua linguagem misteriosa. Pobre daquele cujo coração egoísta e fechado às dores dos seus irmãos nunca escutou esta canção!

Muitas vezes dei por mim a pensar que se Jesus Cristo se sentasse hoje no banco dos réus, encontraria um juiz que havia de demonstrar que o seu caso era agravado pela reincidência. Quanto ao vinho, este reincide todos os dias. Todos os dias ele repete os seus bons ofícios. É sem dúvida isso que explica a animosidade obstinada dos moralistas contra ele. Quando digo moralistas, quero dizer pseudo-moralistas farisaicos.

Mas há ainda outra coisa. Desçamos ainda mais

abaixo. Contemplemos um desses seres misteriosos que vivem por assim dizer das dejeções das grandes cidades; porque ele há estranhas profissões. O número é imenso. Algumas vezes pensei com terror que havia profissões que não continham qualquer alegria, profissões sem prazer, fadigas sem alívio, dores sem compensação. Estava enganado. Aqui está um homem encarregado de recolher o lixo de um dia da capital. Tudo o que a grande cidade deitou fora, tudo o que ela perdeu, tudo o que ela desprezou, tudo o que ela quebrou, ele cataloga, ele colecciona. Ele compulsa os arquivos da devassidão, o cafarnaum dos desperdícios. Ele faz uma triagem, uma escolha inteligente; ele junta, como o avaro um tesouro, o lixo que, remastigado pela divindade da Indústria, se há-de transformar em objectos úteis ou de satisfação. Ei-lo que, à claridade sombria dos candeeiros atormentados pelo vento da noite, sobe uma das compridas ruas tortuosas e povoadas de pequenos lares da Montagne Sainte-Geneviève. Está vestido com o casaco de palha com o número sete. Chega abanando a cabeça e tropeçando na calçada, como os jovens poetas que passam os dias a vaguear à procura de rimas. Fala sozinho; despeja a alma no ar frio e tenebroso da noite. É um monólogo esplêndido de fazer inveja às tragédias mais líricas. "Em frente! Marche! divisão, cabeça, exército!" Exactamente como Bonaparte agonizando em Santa Helena! Dá a

impressão de que o número sete se transformou em ceptro de ferro, e o casaco de palha em manto imperial. Cumprimenta agora o seu exército. A batalha está ganha, mas o dia foi árduo. Passa a cavalo sob arcos de triunfo. O seu coração está feliz. Ouve deliciado os aplausos de um mundo entusiasmado. Daqui a pouco, irá ditar um código superior a todos os códigos conhecidos. Jura solenemente tornar felizes aqueles povos. A miséria e o vício desapareceram da humanidade.

E, contudo, ele tem as costas e os rins arranhados pelo peso da mochila. Está cheio de desgostos familiares. Está moído por quarenta anos de trabalho e de serviços prestados. A idade atormenta-o. Mas o vinho, como um novo Pactolo, faz rolar através da humanidade esmorecida um ouro intelectual. Como os bons reis, ele reina através dos seus serviços e canta os seus feitos através da garganta dos seus súbditos.

Há no globo terrestre uma multidão inumerável, inominada, cujo sono não conseguiria adormecer o bastante os sofrimentos. O vinho compõe para ela cânticos e poemas.

Muitas pessoas considerar-me-ei sem dúvida muito indulgente. "Está a inocentar a bebedeira, a idealizar a canalha." Confesso que perante os benefícios não tenho coragem de contar os malefícios. Aliás, eu disse que o vinho era semelhante ao homem, e considerei que os seus crimes eram iguais às suas

virtudes. Podia fazer melhor? Além disso, tenho outra ideia. Se o vinho desaparecesse da produção humana, creio que se operaria na saúde e no intelecto do planeta um vazio, uma ausência, um defeito muito mais terrível do que todos os excessos e os desvios atribuídos ao vinho. Não será razoável pensar que as pessoas que nunca bebem vinho, ingênuos ou sistemáticos, são imbecis ou hipócritas; imbecis, ou seja homens que não conhecem nem a humanidade nem a natureza, artistas que rejeitam os meios tradicionais da arte; operários que basfemam a propósito da mecânica; hipócritas, ou seja gulosos envergonhados, fanfarrões da sobriedade, que bebem às ocultas e que têm sempre uma garrafa de vinho escondida? Um homem que só bebe água tem um segredo a esconder dos seus semelhantes.

Vejamos: há alguns anos, numa exposição de pintura, a multidão de imbecis armou tumulto diante de um quadro polido, encerado, envernizado como um objecto industrial. Era a antítese absoluta da arte; estava para a Cozinha de Drolling como a loucura está para a patetice, os fanáticos para o seguidor. Naquela pintura microscópica via-se voar as moscas. Fui atraído por aquele objecto monstruoso, como toda a gente; mas eu tinha vergonha daquela singular fraqueza, porque era a irresistível atracção do horrível. Finalmente, percebi que era arrastado contra minha vontade por uma curiosidade filosófica, pelo imenso

desejo de saber qual podia ser o carácter moral do homem que havia gerado uma tão criminosa extravagância. Apostava comigo mesmo que ela devia ser intrinsecamente mau. Informei-me, e o meu instinto teve o prazer de ganhar esta aposta psicológica. Fiquei a saber que o monstro se levantava regularmente antes de ser dia, que arruinara a mulher-a-dias, e que só bebia leite.

Só mais uma ou duas histórias, e depois logo dogmatizaremos. Um dia, num passeio, vi um grande ajuntamento: consegui ver por cima dos ombros dos basbaques, e vi isto: um homem estendido no chão, de costas, de olhos abertos e fixos no céu, outro homem, de pé em frente dele, falando-lhe apenas por gestos, o homem no chão respondia-lhe apenas com os olhos, ambos com um ar animado de extrema benevolência. Os gestos do homem de pé diziam à inteligência do homem estendido: "Anda, anda, a felicidade está aqui, a dois passos, anda até à esquina da rua. Não perdemos completamente de vista a margem do desgosto, mas ainda não chegámos totalmente à maré cheia do sonho; vamos, coragem, meu amigo, diz às tuas pernas para satisfazerem o teu pensamento."

Tudo aquilo cheio de vacilações e de balanços harmoniosos. O outro tinha sem dúvida chegado à maré cheia (aliás, navegava na valeta), pois o sorriso beato respondia: "Deixa o teu amigo sossegado. A margem do desgosto desapareceu suficientemente

atrás dos nevoeiros benfazejos: não tenho mais nada a pedir ao céu do sonho." Creio mesmo ter ouvido uma frase vagamente formulada por palavras escapar da boca dele: "è preciso ser sensato." Isto é o cúmulo do sublime. Mas na embriaguês há qualquer coisa de hipersublime, como ides ver. O amigo sempre cheio de indulgência vai-se embora sozinho para o cabaret, e regressa com uma corda na mão. Certamente, não podia suportar a ideia de navegar sozinho e de correr sozinho atrás da felicidade; era por isso que vinha buscar o amigo de carro, o carro era a corda: passa-lhe o carro à volta da cintura. O amigo, estendido no chão, sorri: compreendeu seguramente aquele pensamento maternal. O outro dá um nó; depois começa a andar, como um cavalo dócil e discreto, e transporta o amigo ao encontro da felicidade. O homem transportado, ou antes arrastado e polindo o passeio com as costas, continua a sorrir com um sorriso inefável.

A multidão fica estupefacta; pois o que é demasiado belo, o que ultrapassa as forças poéticas do homem causa mais espanto do que enternecimento.

Havia um homem, um Espanhol, um tocador de viola que viajou durante muito tempo com Paganini: foi antes da época da grande glória oficial de Paganini.

Levavam ambos a fabulosa vida errante dos ciganos, dos músicos ambulantes, das pessoas sem família nem pátria. Ambos, violino e viola, davam concertos por onde iam passando. Deambularam assim

durante muito tempo através de vários países. O meu Espanhol tinha tal talento que podia dizer como Orfeu: "Eu sou o senhor da natureza."

Por toda a parte por onde passava, arranhando as cordas, fazendo-as saltar harmoniosamente sob o polegar, tinha a certeza de ser seguido pela multidão. Quem possui um segredo destes não morre nunca de fome. Era seguido que nem Jesus Cristo. Como recusar comida e hospitalidade ao homem, ao génio, ao feiticeiro, que fez entoar à nossa alma as mais belas árias, as mais secretas, as mais desconhecidas, as mais misteriosas? Asseveraram-me que aquele homem, com um instrumento que só produz sons sucessivos, obtinha facilmente sons contínuos. Paganini geria a bolsa, era ele quem detinha a gerência do fundo social, o que não surpreende ninguém.

A caixa viajava a cargo do administrador; umas vezes estava em alta, outras em baixa, hoje dentro das botas, amanhã entre duas costuras do casaco. Quando o tocador de viola que era um grande bebedor, perguntava qual era a situação financeira, Paganini respondia que já não havia dinheiro, ou pelo menos quase nenhum; porque Paganini era como as pessoas de idade, que receiam sempre que lhes venha a faltar alguma coisa. O Espanhol acreditava ou fazia de conta que acreditava, e, de olhos fixos no horizonte da estrada, arranhava e atormentava a inseparável companheira. Paganini caminhava do lado oposto da

estrada. Era uma convenção recíproca, feita para não se incomodarem um ao outro. Deste modo, cada um deles estudava e trabalhava enquanto caminhava.

Mais tarde, chegados a qualquer sítio que oferecesse hipóteses de receita, um deles tocava uma das suas composições, e o outro improvisava a seu lado uma variação, um acompanhamento, um baixo. O que houve de alegrias e de poesia naquela vida de trovador, nunca ninguém saberá. Separam-se, não sei porquê. O Espanhol passou a viajar sozinho. Um dia chega a uma cidadezinha do Jura; manda afixar e anunciar um concerto numa sala da câmara municipal. O concerto é ele e não mais do que uma viola. Dera-se a conhecer tocando nalguns cafés, e alguns músicos da pequena cidade haviam sido sensíveis àquele estranho talento. Por fim, muito gente foi assistir.

O meu Espanhol tinha desencantado nos confins da cidade, junto do cemitério, outro Espanhol, um compatriota. Este era uma espécie de empresário de sepulturas, um canteiro que fabricava túmulos de mármore. Como todas as pessoas com uma profissão fúnebre, bebia bastante. Assim, a garrafa e a pátria comum levaram-nos longe; o músico não largava o marmorista. No dia do concerto, à hora aprazada, estavam juntos, mas onde? Era o que era preciso descobrir. Fez-se a volta dos cabarets todos da cidade, de todos os cafés. Finalmente, foram dar com ele e com o amigo numa tasca indescritível, e perfeitamente

bêbado, o outro também. Seguem-se cenas análogas, à Kean e à Frédérick. Por fim, lá concorda em ir tocar; mas eis que lhe ocorre uma ideia súbita: "Vais tocar comigo", diz ele ao amigo. Este recusa; ele tinha um violino mas tocava como o mais horrível menetrel. "Vais tocar, ou então não toco."

Não há sermões nem argumentos que valham; foi preciso ceder. Ei-los em cima do estrado, perante a fina flor lá do sítio. "Vinho, por favor", disse o Espanhol. O fazedor de sepulturas, que era conhecido de todos, mas não como músico, estava demasiado embriagado para ter vergonha. Trazido o vinho, já não há paciência para desrolhar as garrafas. Os meus dois sujeitinhos guilhotinam-nas à facada, como as pessoas mal-educadas. Imaginem o belo efeito causado na província toda aperaltada! As senhoras retiram-se, e perante aqueles dois bêbados com ar meio doido, muita gente foge escandalizada.

Mas bem fizeram aqueles a quem o pudor não extinguiu a curiosidade e que tiveram a coragem de ficar. "Começa", disse o tocador de viola ao marmorista. É impossível exprimir o género de sons que saiu do violino embriagado; Baco em delírio a talhar a pedra com uma serra. Que tocou ele, ou que tentou ele tocar? Não interessa, a primeira coisa que lhe passou pela cabeça. Mas, de repente, uma melodia enérgica e suave, caprichosa e una ao mesmo tempo, envolve; sufoca, apaga, dissimula o ruído infernal.

A viola canta tão alto, que o violino deixa de se ouvir. E no entanto é a mesma ária, a ária avinhada que o canteiro iniciara.

A viola exprime-se com uma sonoridade enorme; murmura, canta, declama com uma verve assustadora, e uma segurança, uma pureza inacreditáveis de dicção.

A viola improvisava uma variação sobre o tema do violino de cego. Deixava-se guiar por ele, e envolvia esplendorosamente e maternalmente a fraca nudez dos seus sons. O meu leitor compreende que isto é indescritível; uma testemunha verdadeira e idónea contou-me a história. O público no final estava mais embriagado do que ele. O Espanhol foi festejado, cumprimentado, saudado por um entusiasmo imenso. Mas provavelmente a maneira de ser das pessoas da região desagradou-lhe; pois não aceitou a tocar mais nenhuma vez.

E agora onde está ele? Que sol terá contemplado os seus sonhos derradeiros? Que solo terá recebido os seus restos mortais cosmopolitas? Que vala terá abrigado a sua agonia? Onde estão os perfumes inebriantes das flores desaparecidas? Onde estão as cores feéricas dos antigos poentes?

III

Possivelmente, não vos ensinei nada de novo. O vinho é conhecido de todos; amado por todos. Quando existir um verdadeiro médico filósofo, coisa que não se vislumbra em parte alguma, ele poderá fazer um estudo aprofundado sobre o vinho, uma espécie de de psicologia dupla de que o vinho e o homem compõem os dois termos. Ele explicará como e porquê certas bebidas contêm a faculdade de aumentar desmedidamente a personalidade do ser pensante, e de criar, por assim dizer, uma terceira pessoa, operação mística, em que o homem natural e o vinho, o deus animal e o deus vegetal, desempenham o papel do Pai e do Filho na Trindade; eles dão origem a um Espírito Santo que é o homem superior, o qual procede igualmente dos dois.

Ele há pessoas em que a descontração do vinho é de tal ordem, que as pernas se tornam mais firmes e o ouvido excessivamente sensível. Conheci um indivíduo cuja vista enfraquecida reencontrava na embriaguês toda a agudeza primitiva. O vinho transformava a toupeira em águia.

Um velho autor desconhecido disse: Nada é comparável à alegria do homem que bebe, excepto a alegria do vinho em ser bebido. Com efeito, o vinho

desempenha um papel íntimo na vida da humanidade, tão íntimo, que não me surpreenderia se, seduzidos por uma ideia panteística, alguns espíritos sensatos lhe atribuissem uma espécie de personalidade. O vinho e o homem lembram-me dois lutadores amigos que lutam sem cessar, e sem cessar se reconciliam. O vencido abraça sempre o vencedor.

Há bêbados maus; são pessoas naturalmente más. O homem mau torna-se execrável, tal como o bom se torna excelente.

Daqui a pouco, vou falar de uma substância que há alguns anos está na moda, uma espécie de droga deliciosa para uma certa categoria de diletantes, cujos efeitos são bem mais fulminantes e poderosos do que os do vinho. Irei descrever cuidadosamente todos os efeitos e, depois, retomando a pintura das diferentes eficácias do vinho, irei comparar estes dois meios artificiais, através dos quais o homem exasperando a sua personalidade cria em si, por assim dizer, uma espécie de divindade.

Irei mostrar os inconvenientes do haxixe, dos quais o menor, apesar dos tesouros de boa vontade desconhecidos que ele faz germinar em aparência no coração, ou antes no cérebro do homem, cujo menor defeito, dizia eu, é ser anti-social, enquanto o vinho é profundamente humano, e ousaria quase dizer homem de acção.

IV

O HAXIXE

Quando se faz a ceifa do cânhamo, passam-se por vezes fenómenos estranhos na pessoas dos trabalhadores masculinos e femininos. Dir-se-ia que se eleva da colheita não sei que espírito vertiginoso que circula em torno das pernas e sobe maliciosamente até ao cérebro. A cabeça do ceifeiro fica carregada de devaneios. Os membros amolecem e recusam o trabalho. De reste, aconteceu-me a mim, em criança, a brincar e a rolar sobre tufos de luzerna, fenómenos análogos.

Tentou-se fazer haxixe com cânhamo de França. Todas as tentativas até agora foram más, e os teimosos que querem a qualquer preço fazer experiências feéricas, continuaram a servir-se do haxixe que atravessou o Mediterrâneo, isto é fabricado a partir do cânhamo indiano ou egípcio. A composição do haxixe é feita de uma decocção do cânhamo indiano, de manteiga e de uma pequena quantidade de ópio.

Eis uma composta verde, singularmente odorífera, de tal modo odorífera que provoca uma certa repulsa, como aconteceria, aliás, com qualquer odor requintado levado ao extremo da sua força e por assim dizer da sua densidade. Agarre numa porção do

tamanho de uma noz, encha uma pequena colher, e estará na posse da felicidade; da felicidade absoluta com toda a sua embriaguês, todas as loucuras de juventude, e também todas as beatitudes infinitas. A felicidade está ali, sob a forma de um bocadinho de compota; sirva-se sem receio, não se morre por isso; os órgãos físicos não são prejudicados. É possível que a sua vontade se torne menor, isso é outra história.

Geralmente para dar ao haxixe toda a força e desenvolvimento, é preciso diluí-lo em café muito quente, e tomá-lo em jejum; o jantar é adiado para as dez horas ou para a meia-noite; apenas uma sopa muito leve é permitida. Uma infracção a esta regra tão simples produziria ou vômitos, discutindo o jantar com a droga, ou a ineficácia do haxixe. Muitos ignorantes ou imbecis que assim se comportam acusam o haxixe de impotência.

Mal a pequena droga é absorvida, operação que, de resto, exige uma certa resolução, pois, como disse, a mistura é de tal modo odorífera que causa a algumas pessoas uma espécie de náuseas, o leitor vai sentir-se imediatamente num estado de ansiedade. Ouviu vagamente falar dos efeitos maravilhosos do haxixe, a sua imaginação faz dele uma ideia muito especial, um ideal de embriaguês, e tarda-lhe saber se a realidade, se o resultado será adequado à sua pré-concepção. O tempo que decorre entre a absorção da bebida e os primeiros sintomas varia conforme as temperaturas e

também conforme o hábito. As personagens que têm a consciência e a prática do haxixe sentem por vezes, ao fim de meia-hora, os primeiros sintomas da invasão.

Esqueci-me de dizer que causando o haxixe no homem um exaspero da personalidade e ao mesmo tempo um sentimento muito acentuado das circunstâncias e do ambiente, seria conveniente que uma pessoa só se submetesse à sua acção em ambientes e circunstâncias favoráveis. Sendo qualquer alegria, qualquer bem-estar excessivo, qualquer dor, qualquer angústia é imediatamente profunda. Não faça uma experiência destas, se tiver qualquer tarefa desagradável a desempenhar, se o seu espírito estiver propenso à melancolia, se tiver alguma conta a pagar. Já disse, o haxixe é impróprio à acção. Ele não consola como o vinho; ele apenas desenvolve exageradamente a personalidade humana nas circunstâncias actuais em que ela se encontra. Na medida do possível, é necessário um bom apartamento ou uma bela paisagem, um espírito livre e liberto, e alguns cúmplices cujo temperamento intelectual se aproxime do seu; um pouco de música também, se possível.

A maior parte do tempo, os novatos, na sua primeira iniciação, queixam-se da lentidão dos efeitos. Esperam-nos com ansiedade, e como a coisa não ocorre tão depressa como gostariam, armam-se em fortes e em incrédulos o que muito diverte quem conhece as coisas e a maneira como o haxixe actua. Não é uma das

coisas menos cômicas ver as primeiras manifestações surgir e multiplicar-se no meio dessa mesma incredulidade. Em primeiro lugar, uma certa hilaridade absurda e irresistível apodera-se de si. As palavras mais ordinárias, as ideias mais simples adquirem uma fisionomia estranha e nova. Essa alegria é-lhe insuportável; mas é inútil recalcitrar. O demônio invadiu-o; todos os esforços que fizer para resistir só irão servir para acelerar os progressos do mal. O leitor ri da sua patetice e da sua maluqueira; os seus amigos riem de si, e o senhor não se zanga, porque a complacência começa a manifestar-se.

Essa alegria lânguida, esse mal-estar na alegria, essa insegurança, essa indecisão da doença dura geralmente pouco tempo. Acontece por vezes que pessoas totalmente incapazes de jogos de palavras, improvisem listas intermináveis de trocadilhos, de associações de ideias totalmente improváveis, e feitos para despistar os mais dotados nesta arte insólita. Ao fim de alguns minutos, as associações de ideias tornam-se de tal modo vagas, os fios que ligam as suas concepções são tão ténues, que só os seus cúmplices, os seus correligionários conseguem compreendê-lo a si. A sua superficialidade, os seus ataques de riso parecem o cúmulo da tontice a qualquer pessoa que não esteja o mesmo estado que o leitor.

A sensatez desse infeliz diverte-o imensamente, o sangue-frio dele transporta-o a si ao auge da ironia;

ele parece-lhe o mais louco e o mais ridículo dos homens. Quanto aos seus camaradas, o leitor entende-se perfeitamente com eles. Depressa vos entendeis apenas através do olhar. O facto é que se trata de uma situação é assaz cómica a situação de homens que gozam de uma alegria incompreensível para quem não está no mesmo mundo que eles. Todos sentem uma profunda pena do outro. E a partir daí, a ideia de superioridade começa a despontar no horizonte do vosso intelecto. E depressa ela irá aumentar desmedidamente.

Fui testemunha, nesta primeira fase, de duas cenas bastante grotescas. Um músico célebre, que ignorava as propriedades do haxixe, e provavelmente nem nunca dele ouvira falar, chega ao pé de um grupo onde quase toda a gente tinha consumido algum. As pessoas tentaram fazer-lhe compreender os seus efeitos maravilhosos. Ele riu com elegância, como um homem que quer fazer pose durante uns minutos por espírito de boas maneiras, porque é bem educado. Toda a gente ria imenso; porque o homem que tomou haxixe é, na primeira fase, dotado de uma maravilhosa inteligência do cómico. As gargalhadas, as enormidades incompreensíveis, os jogos de palavras inextricáveis, os gestos barrocos continuam. O músico declara que aquela carga de artistas é má, que aliás ela deve ser muito cansativa para os autores.

A alegria aumenta. "Esta carga é talvez boa para vocês, para mim não", diz ele. "Basta que ela seja boa

para nós", replica egoístamente um dos doentes. Gargalhadas intermináveis enchem a sala. O homem zanga-se e quer ir-se embora. Alguém fecha a porta e esconde a chave. Outra pessoa ajoelha-se diante dele, e declara-lhe chorando, em nome de todo o grupo, que se este está comovido com a sua inferioridade e sente a maior das piedades, não deixa de se sentir animado por uma eterna benevolência em relação a ele.

Suplicam-lhe que toque ele acaba por aceder. Mal o violino se fez ouvir, que os sons que se espalham pelo apartamento se vão apoderando aqui e além dos doentes. Eram só profundos suspiros, soluços, gemidos desoladores, torrentes de lágrimas. O violinista aterrado pára, julga estar numa casa de doidos. Aproxima-se daquele cuja beatitude era mais visível; pergunta-lhe se sofre muito e que pode ser feito para o aliviar. Outro espírito positivo, que também ele não experimentara a droga beatífica, propõe limonada e ácidos. O doente, com o êxtase nos olhos, olha para ele com indizível desprezo; é o orgulho que o salva das mais graves injúrias. Com efeito, que coisa mais adequada para exasperar um doente de alegria do que querer curá-lo?

Eis um fenómeno extremamente curioso, em minha opinião: uma criada, encarregada de trazer tabaco e refrescos a pessoas que consumiram haxixe, vendo-se rodeada de caras estranhas, de olhos desmedidamente abertos, e como que envoltos numa

atmosfera malsã, por aquela loucura colectiva, começa a rir de forma insensata, deixa cair o tabuleiro que se parte com todas as chávenas e copos, e foge apavorada. Toda a gente ri. Ela confessou no dia seguinte ter sentido uma coisa qualquer estranha durante várias horas, ter-se sentido muito esquisita, muito não sei como. Contudo, ela não experimentara o haxixe.

A segunda fase anuncia-se por uma sensação de frescura nas extremidades, por uma grande fraqueza; fica-se, como se costuma dizer, com mãos de manteiga, a cabeça pesada e uma estupefacção geral em todo o nosso ser. Os olhos abrem-se mais, são como repuxados em todos os sentidos por um êxtase implacável. O rosto empalidece, torna-se lívido e esverdeado. Os lábios tornam-se mais finos, encolhem e parecem querer meter-se para dentro. Suspiros roucos e profundos escapam-se do peito, como se a nossa natureza antiga não conseguisse suportar o peso da nossa nova natureza. Os sentidos apuram-se e tornam-se de uma acuidade extrema. Os olhos penetram o infinito. O ouvido capta os sons mais inaudíveis no meio dos ruídos mais agudos.

As alucinações começam. Os objectos exteriores assumem aparências monstruosas. Revelam-se-nos sob formas até aí desconhecidas. Depois, deformam-se, transformam-se, ou então entramos neles. Os equívocos mais singulares, as transposições de ideias

mais inexplicáveis têm lugar. Os sons têm uma cor, as cores têm uma música. As notas musicais são números, e é possível resolver com uma rapidez assustadora prodigiosos cálculos aritméticos à medida que a música se vai desenrolando nos nossos ouvidos. Está-se sentado e a fumar; e julga-se estar sentado em cima do cachimbo, e somos nós que estamos a ser fumados pelo nosso cachimbo; somos nós a ser exalados sob forma de nuvens azuladas.

Sentimo-nos bem, só uma coisa nos preocupa e nos inquieta. Como proceder para sair de dentro do cachimbo? Esta imaginação dura uma eternidade. Um intervalo de lucidez com grande esforço permite-nos olhar para o relógio. A eternidade durou um minuto. Outra corrente de ideias nos arrasta; arrastar-nos-á durante um minuto no seu turbilhão vivo, e esse minuto será mais uma vez uma eternidade. As proporções do tempo e do ser são perturbadas pela profusão inumerável e pela intensidade das sensações e das ideias. Vive-se várias vidas de homem no espaço de uma hora. É precisamente esse o assunto de *Peau de Chagrin*. Deixa de haver relação entre os órgãos e as fruições.

De vez em quando a personalidade desaparece. A objectividade que faz certos poetas panteísticos e os grandes actores torna-se de tal forma grande que a pessoa se confunde com os seres exteriores. Eis-nos transformados em árvore a mugir ao vento e a relatar à

natureza melodias vegetais. Agora, a planar no azul do céu imensamente alargado. A dor desapareceu. Não lutamos, deixamo-nos ir, deixamos de ser senhores de nós e não nos afligimos com isso. Daqui a pouco a ideia de tempo desaparecerá por completo. De longe em longe mais um breve despertar. Parece-nos sair de um mundo maravilhoso e fantástico. Guardamos, é verdade, a faculdade de nos observarmos a nós próprios, e amanhã teremos conservado a lembrança de algumas dessas sensações. Mas esta faculdade psicológica, não pode ser aplicada. Desafio o leitor a aparar uma pena ou um lápis; seria uma tarefa acima das suas forças.

Outras vezes a música narra-nos poemas infindos, coloca-nos em dramas assustadores ou feéricos. Associação aos objectos que estão sob os nossos olhos. As pinturas do tecto, mesmo mediócras ou de má qualidade, adquirem uma vida assustadora. A água límpida e encantatória corre pelo relvado que estremece. As ninfas de carnes esplendorosas olham para nós com grandes olhos mais límpidos do que a água ou o azul do céu. Vamos ocupar o nosso lugar e desempenhar o nosso papel nos piores quadros, nos mais grosseiros papéis pintados que cobrem as paredes das estalagens.

Dei-me conta de que a água assumia um encanto assustador para todos os espíritos um pouco

artistas iluminados pelo haxixe. As águas correntes, os repuxos, as cascatas harmoniosas, a imensidão azul do mar, rolam, dormam, cantam no fundo do nosso espírito. Talvez não seja bom deixar um homem neste estado à beira de uma água límpida; como o pescador da balada, ele deixar-se-ia talvez arrastar pela Ondina.

Lá para o fim da noite, é possível comer, mas esta operação não é levada a cabo sem esforço. Está-se de tal forma acima dos factos materiais que seria certamente preferível permanecer estendido ao comprido no fundo deste paraíso intelectual. Todavia, algumas vezes o apetite aumenta de forma extraordinária; mas é preciso uma grande coragem para pegar numa garrafa, num garfo ou numa faca.

A terceira fase separada da segunda por um redobrar da crise, uma embriaguês vertiginosa seguida de um novo mal-estar, é qualquer coisa de indescritível. É aquilo a que os Orientais chamam o kief; a felicidade absoluta. Deixou de ser qualquer coisa de tumultuoso, um remoinho. É uma beatitude calma e imóvel. Todos os problemas filosóficos estão resolvidos. Todas as questões árduas contra as quais esgrimem os teólogos e que são o desespero da humanidade intelectual, são límpidas e claras. Toda a contradição se tornou unidade. O homem passou a ser Deus. O homem passou a ser Deus.

Há em nós qualquer coisa que diz: "És superior a todos os outros homens, ninguém compreende o que

tu sentes agora. Eles são até incapazes de compreender o imenso amor que por eles sentes. Mas não deves odiá-los por isso; é preciso ter piedade deles. Uma imensidão de felicidade e de virtude abre-se diante de ti. Ninguém saberá nunca a que grau de virtude e de inteligência chegaste. Vive na solidão do teu pensamento, e evita afligir os homens."

Um dos efeitos mais grotescos do haxixe é o receio levado à loucura mais meticulosa de afligir seja quem for. A pessoa disfarçaria até, se tivesse força para tal, o estado extra-natural em que se encontra, só para não causar inquietação ao último dos homens.

Neste estado supremo, o amor, nos espíritos ternos e artísticos, assume as formas mais singulares ou presta-se às combinações mais barrocas. Uma libertinagem desenfreada pode misturar-se a um sentimento paternal ardente e afectuoso.

A minha última observação não é a menos curiosa. Quando no dia seguinte, vemos o dia instalado no nosso quarto, a primeira sensação é de profundo espanto. O tempo tinha desaparecido por completo. Há bocado era noite, agora é dia. "Dormi, não dormi? A minha embriaguês durou toda a noite, e tendo a noção de tempo sido suprimida, a noite inteira não terá tido para mim mais do que o valor de um segundo? ou bem, terei sido mergulhado nas velas de um sono cheio de visões?" É impossível saber.

Parece-nos sentir um bem-estar e uma leveza de espírito maravilhosa; não há fadiga alguma. Mas mal a

pessoa se põe de pé uma réstea de embriaguês se manifesta. As pernas fracas conduzem-nos com timidez, temos receio de nos partirmos com um objecto frágil. Uma grande moleza, que não é destituída de encanto, apodera-se do nosso espírito. Somos incapazes de trabalhar e de energia na acção. É o castigo merecido para a prodigalidade ímpia com a qual efectuámos uma tão grande despesa de fluido nervoso. Atirámos a personalidade pela janela fora, e agora temos dificuldade em recuperá-la e em concentrá-la.



V

Não digo que o haxixe produza em todos os homens os efeitos todos que acabei de descrever. Conteí mais coisa menos coisa os fenómenos que geralmente se produzem, excepto algumas variantes, nos espíritos artísticos e filosóficos. Mas há temperamentos nos quais esta droga apenas desenvolve uma loucura ruidosa, uma alegria violenta que lembra uma vertigem, danças, saltos, pulos, gargalhadas. Têm por assim dizer um haxixe muito material. São insuportáveis aos espiritualistas que têm muita pena deles. A sua personalidade desagradável vem ao de cima. Vi uma vez um magistrado respeitável, um homem honrado como dizem de si próprias as pessoas de sociedade, um desses homens cuja gravidade artificial é sempre imposta à força, no momento em que o haxixe se apoderou dele, pôr-se bruscamente a pular um cancan dos mais indecentes. O monstro interior e verídico revelava-se. Aquele homem que julgava as acções do seus semlelhantes, aquele Togatus tinha aprendido o cancan às escondidas.

Assim, pode afirmar-se que essa impersonalidade, esse objectivismo de que falei e que é apenas o desenvolvimento do espírito poético, nunca se encontrará no haxixe de pessoas como aquela.

VI

No Egipto, o governo proíbe a venda e o comércio do haxixe, pelo menos dentro do país. Os desgraçados que têm essa paixão vão à farmácia tomar, a pretexto de comprar outra droga, a sua pequena dose previamente preparada. O governo egípcio faz bem. Jamais um Estado sensato poderia subsistir com o uso do haxixe. É uma coisa que não produz nem guerreiros nem cidadãos. Com efeito, ele é proibido ao homem, sob pena de decadência e de morte intelectual, de perturbar as condições primordiais da sua existência, e de romper o equilíbrio das suas faculdades com o meio. Se existisse um governo a quem conviesse corromper os seus súbditos, bastar-lhe-ia encorajar o uso do haxixe.

Diz-se que esta substância não causa qualquer dano físico. Isso é verdade, pelo menos até ao momento. Porque eu não sei até que ponto é que se pode dizer que um homem que não fizesse mais nada senão sonhar e fosse incapaz de acção estaria de boa saúde, mesmo que todos os seus membros estivessem em bom estado. Mas é a vontade que é atacada, e a vontade é o órgão mais precioso. Jamais um homem que pode, com uma colher de doce, proporcionar a si próprio instantaneamente todo os bens do céu e da

terra, adquiriu a milésima parte disso através do trabalho. E antes de mais é preciso viver e trabalhar.

Tive a ideia de falar do vinho e do haxixe no mesmo artigo, porque de facto há neles qualquer coisa comum: o desenvolvimento poético excessivo do homem. O gosto frenético do homem por todas as substâncias, saudáveis ou perigosas, que exaltam a personalidade, prova a sua grandeza. Ele aspira sempre a aquecer as suas esperanças e a elevar-se até ao infinito. Mas é preciso ver os resultados. Eis um licor que activa a digestão, fortifica os músculos e enriquece o sangue. Mesmo bebido em grande quantidade, ele causa apenas algumas desordens bastante curtas. Eis uma substância que interrompe as funções digestivas, que enfraquece os membros e que pode causar uma embriaguês de vinte e quatro horas. O vinho exalta a vontade, o haxixe aniquila-a. O vinho é um suporte físico, o haxixe é uma arma para o suicídio. O vinho torna a pessoa boa e sociável. O haxixe isola-a. Um é laborioso por assim dizer, o outro essencialmente preguiçoso. Para quê, de facto, trabalhar, laborar, escrever, fabricar seja o que for, quando se pode ter o paraíso de uma só vez? Enfim o vinho é para o povo que trabalha e que merece bebê-lo. O haxixe pertence à classe dos prazeres solitários; é feito para os miseráveis ociosos. O vinho é útil, produz resultados fecundos. O haxixe é inútil e perigoso .

VII

Termino este artigo com algumas belas palavras que não são minhas, mas sim de um notável filósofo pouco conhecido, Barbereau, teórico musical, e professor do Conservatório. Estava eu com ele num grupo em que algumas pessoas tinham tomado a bendita substância, e ele disse-me num tom de desprezo indizível: "Não percebo por que o homem racional e espiritual se serve de meios artificiais para chegar ao êxtase poético, dado que o entusiasmo e a vontade são suficientes para elevá-lo a uma existência supra-natural. Os grandes poetas, os filósofos, os profetas são seres que através do puro e livre exercício da vontade atingem um estado em que são ao mesmo tempo causa e efeito, sujeito e objecto, hipnotizador e sonâmbulo."

Penso exactamente como ele.



EMBRIAGAI-VOS

É preciso estar sempre embriagado. É isso mesmo: é a única questão. Para não sentir o fardo horrível do Tempo que nos verga os ombros e nos inclina para a terra, é preciso que nos embriaguemos sem cessar.

Mas com quê? Com vinho, poesia ou virtude, como vos aprouver. Mas embriagai-vos.

E se algumas vezes, nos degraus de um palácio, na erva verde de um valado, na solidão triste do vosso quarto, acordardes, com a embriaguês já diminuída ou desaparecida, perguntai ao vento, à vaga, à estrela, à ave, ao relógio, a tudo o que foge, a tudo o que geme, a tudo o que rola, a tudo o que canta, a tudo o que fala, perguntai que horas são; e o vento, a vaga, a estrela, a ave, o relógio, responder-vos-ão: "É hora de vos embriagardes! Para não serdes os escravos martirizados do Tempo, embriagai-vos sem cessar! De vinho, de poesia ou de virtude, como vos aprouver."



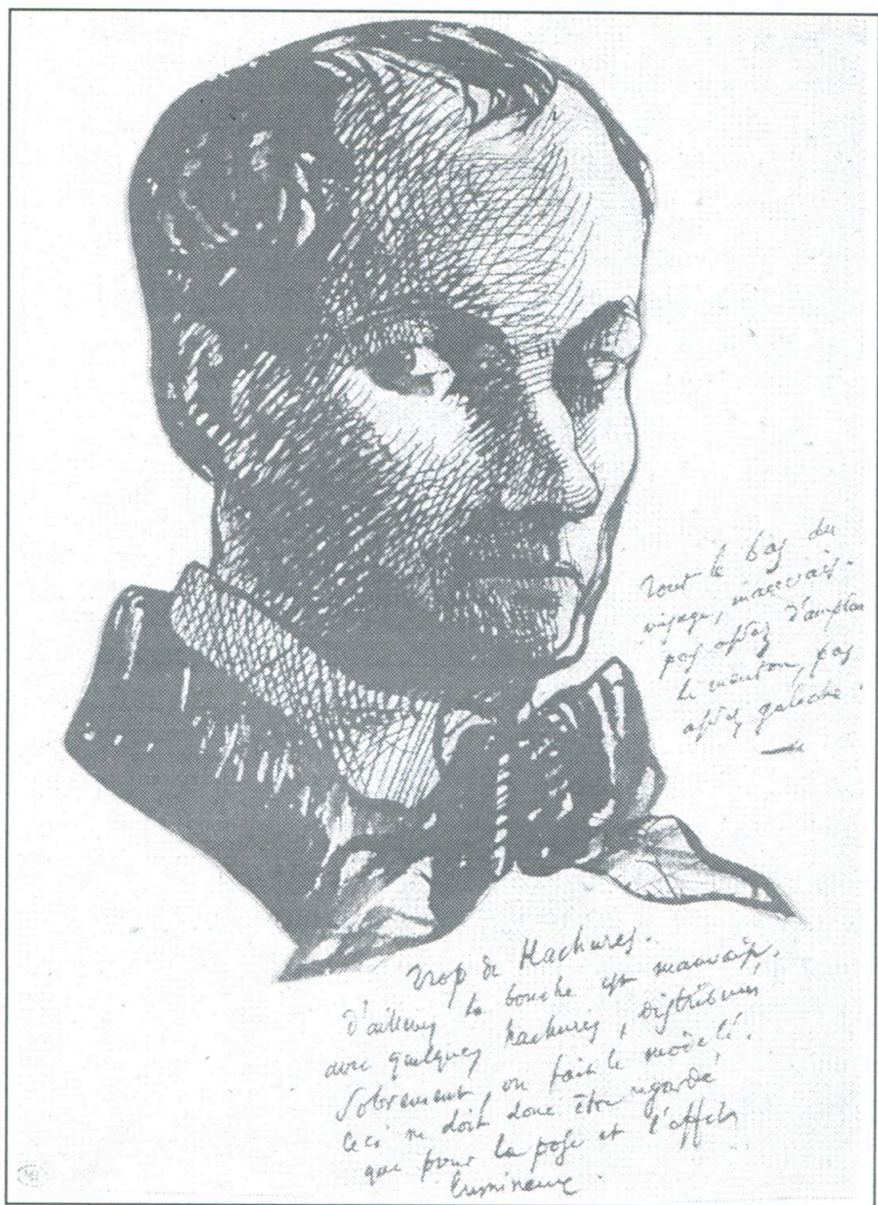
EXÓRDIO PARA AS CONFERÊNCIAS
DADAS EM 1864
EM BRUXELAS

Meus senhores, parecia-me ocioso fazer um tratado completo dos excitantes, cuja característica geral é gerar um enfraquecimento proporcional à excitação e um castigo tão cruel quanto a fruição foi intensa. Seria ocioso falar de excitantes grosseiros, como o absinto, o chá, o café, o vinho de quina ou até da coca, ou eritroxilácea, essa planta singular cujas folhas mascadas aumentam a energia diminuindo o sono e suprimindo o apetite, ou da cicuta islandesa, cuja obsorção faz ver, dizem, aos olhos do cérebro envenenado as monstruosidades do mundo antediluviano.

Em tudo isso há muita coisa que diz respeito aos médicos. Ora, eu quero fazer um livro não de pura psicologia, mas sobretudo de moral. Quero provar que os investigadores de paraísos criam o seu próprio inferno, o preparam, o cavam com um êxito cuja previsão talvez os assustasse. A primeira parte deste livro é inteiramente da minha lavra: é o *Poème du haschisch*. Está dividida em vários capítulos, cujos

títulos vos irei enunciando sucessivamente. A segunda e a terceira parte são a análise de um livro inglês excessivamente curioso (Diário de um Opiómano, de Thomas de Quincey), mas ao qual fui juntando, aqui e além, as minhas reflexões pessoais; mas até que ponto terei introduzido a minha personalidade no autor original é o que sou acualmente incapaz de dizer. Fiz um tal amálgama que sou incapaz de reconhecer aquilo que me pertence o que, aliás, só pode ser muito pouco.





**CRONOLOGIA DA VIDA
DE CHARLES BAUDELAIRE**



1821

- Nascimento de Charles-Pierre Baudelaire a 9 de Abril, no nº. 13 da Rua Hautefeuille em Paris, filho de Caroline Archenbaut-Dejayis de 27 anos e Joseph-François Baudelaire, de 60 anos.

1827

- 10 de Fevereiro, morte do pai. Antigo perceptor do Duque de Praslin e ex-chefe do *Bureau* do Senado Imperial. Foi também pintor.
- Efectuou estudos de filosofia e teologia na Universidade de Paris.

1828

- A mãe casa com o comandante Jacques Aupick, até então tempo tutor do jovem Charles Baudelaire.

1832

- Frequenta o Colégio Real da Cidade de Lyon.

1833

- Baudelaire é aluno interno do Colégio de Lyon.

1836

- Entra no colégio Louis-le-Grand, em Paris.

1839

- Baudelaire é expulso por mau comportamento do colégio Louis-Le-Grand.

1840

- Baudelaire conhece Gérard de Nerval.
- Apaixona-se por Saran, mais conhecida por Louchette, a quem dedica poemas, integrados nas *Fleurs du Mal*.

1841

- Preocupada com o modo de vida de Charles, a família manda-o de viagem até Calcutá.
- Charles irá apenas até à Ilha Bourbon (Reunião), de onde regressa com um esboço do que virá a ser *L'Albatros* e *À une Dame Créole*.

1842

- Aluga um quarto em Paris na Ile Saint-Louis, 10, hoje cais de Béthune, 22.
- Pouco depois do regresso a Paris, conhece Jeanne Duval. A ligação tempestuosa com esta actriz antilhesa irá durar quase toda a vida do poeta, marcando a sua obra de forma decisiva.

1843

- Publicação de um livro colectivo, *Vers*, no qual Baudelaire devia, ao que consta, participar anonimamente.

- Primeiros conhecimentos literários e artísticos: Théophile Gautier, Théodore de Banville, Sainte-Beuve e Apollonie Sabatier, *La Muse et la Madone*.

1844

- A família de Baudelaire nomeia um conselho judicial a fim de gerir os seus bens: ele passará a usufruir apenas de uma renda mensal.
- Para sobreviver lança-se como crítico de arte, sob o nome de Baudelaire-Dejayis.

1845

- Publica le *Salon de 1845*.
- Tentativa de suicídio, em Maio.

1846

- Colabora no *Corsaire-Satan* e no *Esprit public*
Em Maio o editor Michel Lévy dá à estampa
Le Salon de 1846.

1847

- *La Fanfarlo* sai no *Bulletin de la Société des Gens de Lettres*.

1848

- A 24 de Fevereiro, Baudelaire faz parte das barricadas.

1849

- Parte para Dijon, em Dezembro, onde um mês depois Jeanne Duval vai ao seu encontro.

1851

- Em Março, *Le Messager de l'Assemblée* publica *Du Vin et du haschisch comparés comme moyens de multiplication de l'individualité*, que virá a constituir a primeira parte de *Paradis Artificiels*.

1852

- A *Revue de Paris* publica o seu ensaio de sua autoria, intitulado *Edgar Allan Poe, sa vie et ses ouvrages*.
- Após o golpe de estado de Louis-Napoléon de Bonaparte, é manifesto o seu grande amor por Apollonie Sabatier que dirige um salão literário na rua Frochot e a quem Baudelaire consagra os seus poemas que lhe escrevia anonimamente.

1853

- Baudelaire publica a sua tradução de *O Corvo* de Edgar Allan Poe.

1854

- Redige o drama em 5 actos *L'Ivrogne*, com exibição prevista no Teatro Odéon.

1855

- Exposição universal em Paris, em Maio, na Revue des Deux Mondes, publicação de dezoito poemas intitulados *Les Fleurs du Mal*. Baudelaire começa a compor *Fusées*.

1856

- Primeira edição das *Histórias Extraordinárias* escritas em 1840 por Poe, traduzidas por Baudelaire.

1857

- Edição das *Novas Histórias Extraordinárias de Poe*.
- Morte de Jacques Aupick.
- A 25 de Junho, *Les Fleurs du Mal* é posto à venda. A obra é condenada por “ultraje à moral pública e aos bons costumes”. A 20 de Agosto, o tribunal correcional condena Baudelaire e os seus editores a uma multa bem como à supressão de seis poemas. Esta sentença só será revogada a 31 de Maio de 1949.

1858

- A tradução de *As Aventuras de Arthur Gordon Pym de Poe* é posta à venda..

1859

- O ensaio sobre Théophile Gautier é publicado em livro, acompanhado de uma carta de Victor Hugo.

- La Revue Française publica *Le Salon de 1859*.
- Baudelaire visita a sua mãe em Honfleur e reconcilia-se com ela.

1860

- É publicada na *Revue Contemporaine* a segunda parte do que virá a ser *Les Paradis Artificiels* sob o título de *Le Mangeur d'opium*.
- No final de Maio, Poulet-Malassis publica *Les Paradis Artificiels*.

1861

- Em Fevereiro sai a segunda edição de *Fleurs du Mal*, aumentada com mais de 35 poemas. Baudelaire fala à mãe num livro de confissões, *Mon coeur mis à nu*.
- Assina novo contrato com o editor Poulet-Malassis para um 2ª edição de *Les Fleurs du Mal* e para publicação de *Les Paradis Artificiels*.
- Escreve um carta de admiração a Richard Wagner.
- Apresenta a candidatura à Academia Francesa que retira mais tarde por conselho de Sainte-Beuve.

1862

- Ruptura definitiva com Jeanne Duval.

1863

- O Fígaro publica o seu ensaio sobre Constantin Guys, *Le Peintre de la vie moderne*.
- 13 de Agosto, morte de Delacroix.

- Baudelaire escreve um artigo sobre este pintor na *Opinion Nationale*.

1864

- Publicação de *Le Spleen de Paris* no Fígaro, interrompida por decisão do director do jornal a pretexto do “aborrecimento dos leitores”.
- Baudelaire faz em Bruxelas conferências sobre Delacroix, Gautier e *Les Paradis Artificiels*.
- Escreve um panfleto: *Pauvre Belgique!*.

1865

- Publicação de *Histórias grotescas e sérias* de Poe.
- Mallarmé e Verlaine, então desconhecidos, elogiam-no nas revistas *L'Artiste e L'Art*.

1866

- Publicação de *Épaves*.
- A saúde de Baudelaire degrada-se. Início de Julho, regressa a Paris, bastante doente.
- 23 de Março, é atacado de paralisia.
- A 30, dita à sua mãe a sua última carta dirigida a M. Ancelle.

1867

- No seu quarto estão pendurados quadros de Manet e ouve-se Wagner.
- 31 de Agosto, pelas 11 da manhã, nos braços de sua mãe, o poeta é surpreendido pela morte.



INDICE

Prefácio	7
I - O vinho	15
II	19
III	31
IV - O haxixe	33
V	45
VI	46
VII	48
Embriagai-vos	49
Exórdio Para as Conferências dadas em 1864 em Bruxelas	50
Cronologia da vida de Charles Baudelaire	55

ISBN 972-782-045-X



9 789727 820450